

A avaliação está disponível das 10h da manhã do dia 22/09 até as 23h50 do dia 24/09

Questão: Leia o Texto 1 e o Texto 2. Assuma a posição defendida em um dos textos e disserte sobre a causa da morte de Ramsés II.

Texto 1 – Bruno Latour

“Em 1976, a múmia de Ramsés II foi recebida em uma base aérea de Paris com as honras devidas a um chefe de estado, cumprimentada por um ministro, trombetas e os Republican Guards em trajes completos. Como sugerido no título provocativo da Paris Match - "Nos savants au secours de Ramses II tombe malade 3000 ans après sa mort" (Nossos cientistas ajudam Ramsés II, que ficou doente três mil anos após sua morte) - algo está em jogo aqui que desafia o fluxo normal do tempo. A doença irrompe após a morte, e o pleno benefício da tecnologia moderna chega um pouco tarde demais para o grande rei. Nesta imagem impressionante (figura 10.1), a múmia está sendo operada na mesa cirúrgica, iluminada violentamente por holofotes, cercada por "nossos cientistas" de jalecos brancos usando máscaras contra contágio (seja para proteger Ramsés contra seus germes modernos ou para proteger-se da maldição do Faraó). Após uma cuidadosa avaliação, é oferecido o veredicto da autópsia ("pós" mesmo!): Ramsés II tinha dentes muito ruins e uma terrível deformação na medula espinhal que causava dor extrema. Tarde demais para uma intervenção. Mas não tarde demais para reivindicar mais um triunfo para os médicos e cirurgiões franceses, cujo alcance agora se expandiu no tempo remoto, assim como no espaço remoto.



Figura 10.1. Nossos cientistas resgatam Ramsés II, que adoeceu três mil anos após sua morte. (Extraído de Paris Match, setembro de 1956).

A grande vantagem dessa imagem é que ela torna visível, tangível e material o custo pelo qual é possível pensarmos na extensão no espaço do bacilo de Koch, descoberto (ou inventado, ou criado, ou socialmente construído) em 1882. Aceitemos o diagnóstico de "nossos bravos cientistas" como fato comprovado de

que Ramsés morreu de tuberculose. Como ele poderia ter morrido de um bacilo descoberto em 1882 e de uma doença cuja etiologia, em sua forma moderna, data apenas de 1819 no hospital de Laennec? Não é anacrônico? A atribuição de tuberculose e do bacilo de Koch a Ramsés II deve nos parecer um anacronismo da mesma magnitude que se tivéssemos diagnosticado sua morte como tendo sido causada por uma revolta marxista, uma metralhadora ou uma queda da bolsa de

valores de Wall Street. Não é um caso extremo de uma história "whiggish"¹, transplantando para o passado a existência oculta ou potencial do futuro? Certamente, se quisermos respeitar as categorias dos atores, deve haver na língua egípcia um termo e um conjunto de hieróglifos, como "Saodowaoth", que definem a causa da morte de Ramsés. Mas, se existir, é tão incompatível com nossas próprias interpretações que nenhuma tradução poderia substituí-lo por "uma infecção pelo bacilo de Koch". Os bacilos de Koch têm uma história local que os limita a Berlim no virar do século. Eles podem ser permitidos a se espalhar por todos os anos que vêm após 1882, desde que a afirmação de Koch seja aceita como um fato e posteriormente incorporada às práticas rotineiras, mas certamente não podem retroceder aos anos anteriores.

E ainda assim, se detectamos imediatamente o anacronismo de trazer uma metralhadora, um movimento guerrilheiro marxista ou um capitalista de Wall Street de volta ao Egito de 1000 a.C., parece que aceitamos sem muita objeção a extensão da tuberculose ao passado." (Latour, 2000, p. 247-249, tradução nossa)

Texto 2 - A tuberculose do faraó – Antônio Cícero

Para o idealista Latour, natureza e realidade são o que cientistas decidem que sejam

Por ocasião da morte de Lévi-Strauss, o antropólogo francês Philippe Descola, interrogado sobre "quem seriam os gênios de hoje", citou, em primeiro lugar, Bruno Latour. Mal pude crer no que li. A primeira coisa que me vem à mente, sempre que leio ou ouço o nome de Latour, é o título do excelente livro de Alan Sokal e Jean Bricmont, "Imposturas Intelectuais".

E, embora ele tenha merecido todo um capítulo nessa obra, esse título me vem à cabeça por outra razão: é que, anos atrás, caiu-me nas mãos um exemplar de um dos mais ridículos livros que já li: o "Jamais Fomos Modernos (Ensaio de Antropologia Simétrica)", de Latour, do qual me poupo -e ao leitor- de falar.

Estaria Descola sendo sarcástico? Não. Ele pretendia estar sério. Isso me pareceu lamentável, tratando-se do diretor do Laboratório de Antropologia Social do Collège de France. Entretanto, lembrei-me de duas teses de Latour que, de tão grotescas, chegam até a ser engraçadas. Uma é sobre os dinossauros; a outra, sobre Ramsés 2º. O leitor talvez já as conheça, pois não são novas. Mas, na dúvida, vou contar ao menos a que fala de Ramsés 2º.

Antes, observo que Latour é frequentemente classificado de "construtivista -ou melhor, construcionista- social". Isso não é surpreendente, já que seu livro "Vida de Laboratório", de 1979, escrito em parceria com o sociólogo inglês Steve Woolgar, tem como subtítulo "A Construção Social dos Fatos Científicos". Em 1986, porém, o subtítulo foi removido e Latour passou a recusar essa classificação.

Contudo, sua recusa diz mais respeito ao adjetivo "social" do que ao substantivo "construção", pois ele continua acreditando que os fatos científicos são construídos. Para o idealista Latour, em última análise, a natureza e a realidade são aquilo que cientistas decidem que sejam, e não algo que preexistia à investigação científica.

Mas vamos à história. Em 1976, a múmia de Ramsés 2º, acometida por fungos e mofo, foi enviada à França para ser tratada. As fotos de sua chegada foram publicadas pela revista "Paris-Match", com a legenda: "Nossos cientistas socorrem Ramsés 2º, que adoeceu 3.000 anos após sua morte".

¹ N.T. Whiggish é uma concepção de que a história segue um caminho inevitável de progresso e melhoria, que julga o passado com base no presente, veja em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/Whiggish>

Ao ler essa legenda, Latour precipitadamente pensou que ela se referia a outro fato: o de que os cientistas, tendo examinado os restos mortais do faraó, haviam anunciado a descoberta de que ele morreria de tuberculose. "Profundo filósofo", escreveu então, "aquele que redigiu essa legenda admirável". Por que "profundo filósofo"?

Porque, ao contrário dos seres humanos que se guiam pelo bom senso, o autor dessa legenda teria "compreendido" que Ramsés 2º não poderia, no ano 1213 a.C., ter morrido de um bacilo que foi descoberto por Robert Koch somente em 1882...

Para o bom senso "grosseiro", é claro que o bacilo já existia muitíssimo antes de Koch o descobrir. Já para o "sutil" Latour, "antes de Koch, o bacilo não tem existência real. [...] Os pesquisadores não se contentam com "des-cobrir": eles produzem, fabricam, constroem". Assim, o bacilo da tuberculose foi "construído" na época moderna.

Mas, então, como é que ele pode ter causado a morte do faraó, em 1213 a.C.? "Afirmar, sem outras formalidades, que o faraó morreu de tuberculose", diz Latour, "significa cometer o pecado cardeal do historiador, o do anacronismo". Se fosse assim, seria anacronismo afirmar, "sem outras formalidades", que a lei da relatividade tivesse vigência antes de Einstein a demonstrar; ou que a lei da evolução das espécies vigorasse antes de ser enunciada por Darwin.

E quais são as "outras formalidades"? Suponho que consistam em fazer a ressalva de que, para nós, que vivemos depois de 1976, o faraó morreu de tuberculose, mas não para quem viveu antes de 1976. Ora, se isso quer dizer simplesmente que antes de 1976 não sabíamos que o faraó em 1213 a.C. morreu de tuberculose, então é uma verdade: mas não passa precisamente da verdade trivial que o bom senso já conhecia, de modo que, nesse caso, Latour nada diz de novo.

Se, por outro lado, quer dizer que, antes de 1976, o faraó, em 1213 a.C., não morreria de tuberculose, então é um disparate: é "nonsense", e é sem dúvida o que ele pensa, ao afirmar que, "antes de Koch, o bacilo não tem existência real".

Mas devemos reconhecer ao menos um mérito ao artigo de Latour sobre Ramsés 2º: ele inadvertidamente efetua uma redução ao absurdo não só das suas próprias teses, mas de todo o construcionismo contemporâneo." (Cicero, 2009)

Referências Bibliográficas

- Cicero, A. A tuberculose do Faraó. Folha de São Paulo. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200926.htm>
- Latour, B. On the Partial Existence of Existing and Non-existing Objects. In: Daston, L. Biographies of Scientific Objects. Chicago University Press, p. 247-269. 2000